



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA

GABRIEL DE AZAMBUJA MONTANDON RIBEIRO

**Representações de estudantes de Educação Física sobre o corpo de atletas com e sem
deficiência**

Uberlândia
2024

GABRIEL DE AZAMBUJA MONTANDON RIBEIRO

**Representações de estudantes de Educação Física sobre o corpo de atletas com e sem
deficiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física grau Licenciatura da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Matias do Prado.

Uberlândia

2024

GABRIEL DE AZAMBUJA MONTANDON RIBEIRO

**Representações de estudantes de Educação Física sobre o corpo de atletas com e sem
deficiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Uberlândia, 11 de novembro de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Vagner Matias Prado (UFU/MG)

Profa. Ma. Thaís Villa (SEMED/Uberaba)

Profa. Dra. Sônia Bertoni (UFU/MG)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo à minha família, especialmente aos meus pais, por me apoiarem em toda a minha trajetória acadêmica e em cada uma das minhas decisões. Agradeço também à minha noiva, Laura, que esteve ao meu lado em todos os momentos – da tristeza à felicidade – e sem cujo apoio nada disso teria sido possível. Aos meus amigos Robson, Renan, Guilherme e Vaz, que compartilharam toda essa caminhada comigo, deixo também meu sincero agradecimento.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão às professoras que compõem esta banca, a Professora Mestra Thais Villa e a Professora Doutora Sônia Bertoni. Ambas marcaram de maneira significativa e positiva o meu processo de formação. A dedicação e o profissionalismo que demonstraram foram uma fonte de inspiração e contribuíram de forma fundamental para o meu desenvolvimento intelectual. Além do conhecimento transmitido nas disciplinas, ambos despertaram em mim um profundo interesse pela área acadêmica.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Professor Doutor Vagner Matias Prado, por sua orientação cuidadosa, pelos valiosos momentos compartilhados nas reuniões e pela paciência demonstrada durante toda a elaboração deste trabalho. Sua competência e dedicação são qualidades que me motivam profundamente a aprimorar minha atuação como professor.

RESUMO

O presente trabalho, que se refere a uma pesquisa em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, visou investigar qual a representação de estudantes ingressantes de um curso de Educação Física sobre o corpo de atletas com ou sem deficiência no esporte de alto rendimento. O objetivo foi analisar representações de estudantes de educação física da Universidade Federal de Uberlândia, ingressantes no ano de 2023, sobre o corpo de atletas com e sem deficiência no esporte de alto rendimento. A investigação seguiu a abordagem qualitativa e utilizou de duas imagens veiculadas por *websites* esportivos dos corpos de dois atletas de alto rendimento, um com e um sem deficiência, para que os estudantes definissem o que pensavam sobre as imagens com uma palavra ou expressão. Os dados foram analisados, com inspiração na Análise de Discurso de inclinação foucaultiana. Os resultados obtidos na pesquisa revelaram que os estudantes de Educação Física tendem a representar o corpo do atleta com deficiência, predominantemente, sob a perspectiva de superação, utilizando termos como “persistência”, “determinação” e “resiliência” para se referir a imagem que retrata o paratleta. Sobre a imagem do atleta típico, associaram-na com adjetivações de força, técnica e foco, afetando a ideia de desempenho.

Palavras-chave: educação física; esporte; alto rendimento; corpo; deficiência.

ABSTRACT

This article, which is part of a research project at the end of the course, aims to investigate the representations of students entering physical education about the bodies of athletes with and without disabilities in high-performance sport. The aim was to analyze the representations of physical education students at the Federal University of Uberlândia, entering in 2023, about the bodies of athletes with and without disabilities in high-performance sport. The research followed a qualitative approach and used two images published on sports websites of the bodies of two high-performance athletes, one with and one without a disability, so that the students could define what they thought about the images with a word or expression. The data was analyzed using discourse analysis with a Foucauldian slant. The results of the research show that physical education students tend to represent the disabled athlete's body predominantly from the perspective of overcoming, using terms such as “persistence”, “determination” and “resilience” to refer to the image that portrays the athlete. Regarding the image of the typical athlete, they associated it with adjectives such as strength, technique and focus, related to the idea of performance.

Keywords: physical education; sport; high performance; body; disability.

Introdução

O tema escolhido para a formulação da proposta de trabalho foi possível depois da experiência de trabalho junto às pessoas com deficiência em um componente curricular do curso de Graduação em Educação Física, grau Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia. O trabalho desenvolvido na disciplina “Vivência em Educação Física e Deficiência” permitiu a atuação junto ao Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD), projeto de extensão que visa ofertar atividade física para crianças, jovens, adultos e idosos e permite experiência possibilidades futuras de atuação como professor de educação física.

Nesse processo, também cursamos a disciplina “Educação Física Escolar e Diferenças” que possibilitou problematizar questões socioculturais que produzem estigmas e violência contra pessoas não consideradas como “padrão” ou “normais”. Dentre elas, pessoas com deficiência, pobres, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros etc.

Essas experiências permitiram compreender e acompanhar o dia a dia de pessoas com deficiência para orientá-las em práticas como natação e musculação que, a partir da abordagem da Psicomotricidade, contribuem para o processo de desenvolvimentos de pessoas com deficiência. O processo também permitiu aprimorar habilidades para me tornar um profissional qualificado na área da Educação Física.

Esse foi o caminho para definirmos nossa questão de investigação para este projeto de Trabalho de conclusão de curso de graduação que se delineou a partir da pergunta: Qual a representação de estudantes ingressantes de um curso de educação física sobre o corpo de atletas com ou sem deficiência no esporte de alto rendimento?

A proposta apresenta relevância para a área da Educação Física no que se refere ao processo de formação inicial de profissionais, pois se faz importante apresentar temas relacionados ao corpo considerado adequado ou não para a prática esportiva. Esses temas podem contribuir para que os alunos trabalhem com os conteúdos escolares da educação física, no seu dia a dia, em um exercício pedagógico de reconhecer as diferenças corporais, dentre elas o corpo com deficiência, na condição de possível e não “anormal” e ver o impacto que podem ter algumas respostas nas vivências diárias do educador físico.

Abordar assuntos que se referem ao campo da Educação Física e que possibilitem discussões sobre o corpo de atletas com e sem deficiência no esporte de alto rendimento pode contribuir para que esses futuros profissionais reconheçam os diferentes corpos a partir de suas singularidades e não

enquanto expressões “antinaturais”. Portanto, é preciso tornar familiar o debate do corpo com deficiência, pois é algo recorrente na nossa sociedade e com isso trazer fatos e constatações sobre.

Posto isso, o problema abordado foi delimitado como: Qual a representação de estudantes ingressantes de um de educação física sobre o corpo de atletas com ou sem deficiência no esporte de alto rendimento?

Já como hipótese investigativa, afirmamos que o corpo de atletas com deficiência é representado pelos estudantes como modelo de superação e o corpo do atleta típico como rendimento.

Portanto, como objetivo geral delimitamos analisar representações de estudantes de educação física da Universidade Federal de Uberlândia, ingressantes no ano de 2023, sobre o corpo de atletas com e sem deficiência no esporte de alto rendimento. Em seus desdobramentos específicos, os objetivos traçados foram: 1) identificar o que os estudantes pensam sobre esses corpos desses atletas no esporte de alto rendimento; 2) examinar o juízo de valor que atribuem a eles.

O presente artigo, após esta breve introdução, apresentará a revisão de literatura, seguida do método utilizado. Posteriormente serão explicitados os resultados gerados e as possíveis discussões. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

Revisão de literatura

Na direção de nossa pergunta investigativa a questão do corpo se faz central para o presente trabalho. Santin (2014) define o corpo como organismo vivo, ou seja, todos os corpos, com deficiência ou não, é um ser humano.

A compreensão de corpo, a ser desenvolvida aqui, segue outros caminhos para além da ciência física. O primeiro passo, a ser lembrado, é que se trata do corpo humano. E o corpo humano, como todos os demais corpos viventes, é um organismo vivo. O que é suficiente para ultrapassar os limites das definições e conceitos acima apresentados (Santin, 2014, p. 135).

Nessa perspectiva o corpo deve ser compreendido de uma forma mais ampla e complexa, não unicamente por sua dimensão biofisiológica (Ferreira; Daolio; Almeida, 2017). Com isso, a partir da produção de conhecimento da área da Antropologia, Daolio propõe que

O corpo humano é apresentado (...) ao mesmo tempo como uma construção social e como um dado natural, revelando a tendência de pensá-lo como exclusivamente biológico que vigorava no campo da Educação Física (DAOLIO, 1995). Por meio das contribuições da Antropologia Social, o autor empreendeu discussões acerca de seu objeto de estudo – o corpo – como uma sede de signos sociais, ou seja, como locus de expressão e produção de culturas em determinadas sociedades. A compreensão do autor, ancorada na perspectiva de Marcel Mauss, expurga o caráter puramente biológico do corpo e passa a considerar o conjunto de significados nele inscritos (Ferreira; Daolio; Almeida, 2017, p. 1.218).

No que se refere à importância da atividade física e da prática esportiva para pessoas com deficiência, Seron *et al.* (2021) apontam que a discussão precisa ser estabelecida a partir da perspectiva dos Direitos Humanos (DH). Nesse sentido, os DH para essa população “têm como objetivo promover, proteger e garantir o gozo pleno e igual de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente” (Seron *et al.*, 2021, p. 5).

Pensar em liberdades fundamentais nos insere em debates sobre o acesso e permanência das pessoas com deficiência na prática esportiva, visto que o Esporte é considerado como um direito para todos e todas (Brasil, 1988). O Esporte pode ser definido como “fenômeno sociocultural entendido como patrimônio da humanidade (Galatti *et al.*, 2014; TANI *et al.*, 2018) [que] tem o dever de

contribuir para a conscientização e desconstrução do capacitismo” (Seron *et al.*, 2021, p. 7, acréscimo próprio).

O conceito de capacitismo se torna importante para essas discussões e contribui para que a produção de conhecimento da área da Educação Física interrogue, de forma crítica, as relações que são estabelecidas entre profissional da área, práticas corporais e pessoas com deficiência. Tal questionamento permite compreender que, não raro, pessoas que não apresentam limitações orgânicas consideradas como “deficiência” passam a ser consideradas como modelos de corpos “normais”.

Ou seja, a deficiência é compreendida como uma “falha”, pois sempre será comparada com o ideal de normalização. Nesse sentido, baseados em Campbell (2008), Seron *et al.* (2021, p. 2) argumentam que

(...) o capacitismo pode ser compreendido como um termo que denota uma atitude que desvaloriza ou diferencia a deficiência por meio da valorização de um modelo de capacidade física considerada padrão, ou seja, o capacitismo compreende que exista um modo ideal de ser, e que tudo aquilo que fuja desse modelo ideal de capacidade deva ser julgado como inadequado, o que tornaria a deficiência uma condição de inferioridade humana.

Segundo Haiachi *et al.* (2016), a partir da edição dos Jogos Paralímpicos de 2016, sediados no Brasil, observou-se a profissionalização do esporte paralímpico. Todavia, tal possibilidade se tornou viável a partir de investimentos que permitam a construção de infraestrutura e treinamento adequados para esses profissionais.

A transformação promovida na vida destes atletas, ao retratar as potencialidades e não as limitações, amplia a discussão sobre a necessidade de resultados expressivos em competições nacionais e internacionais para ampliar a obtenção de recursos que darão suporte para seu desenvolvimento esportivo (Haiachi *et al.*, 2016, p. 3.000).

No que se refere a dispositivos legais sobre a prática do esporte para pessoas com deficiência, o governo federal instituiu e regulamentou, em 2024, o Programa Paradesporto Brasil em Rede no âmbito da Secretaria Nacional de Paradesporto (Brasil, 2024). Em seu artigo 3º, o Programa apresenta como objetivos:

I - promover, apoiar e fomentar ações paradesportivas de competitividade, lazer e inclusão social em todas as regiões brasileiras; II - ampliar o escopo de atividades paradesportivas às pessoas com deficiência; III - fomentar a produção científica na temática do paradesporto; e IV - formar recursos humanos qualificados para atuação no paradesporto e no desenvolvimento e gestão de projetos paradesportivos. Art. 4º São diretrizes do PPBR: I - a identificação do potencial paradesportivo de pessoas com deficiência; II - o desenvolvimento da capacidade

paradesportiva dos beneficiários; III - a criação de espaços gratuitos e adequados para a prática de atividade paradesportiva; e IV - a formação adequada e continuada dos acadêmicos e docentes participantes do Programa (Brasil, 2024, p. 1-2).

O Programa pode ser considerado como uma conquista de direitos para pessoas com deficiência em relação à promoção e investimento no paradesporto. Grupos estes que, não raro, passaram por processos históricos de exclusão e que, na contemporaneidade, passam a reescrever suas histórias a partir da perspectiva democrática de garantia de direitos e acessibilidade aos espaços sociais.

Seron *et al.* (2021) argumentam que o envolvimento em esportes para pessoas com deficiência oferece uma série de benefícios que vão além da esfera física, abrangendo também dimensões emocionais e sociais. A prática esportiva não só contribui para a saúde e a capacidade física, mas também promove um aumento significativo na autoestima e no bem-estar psicológico dos atletas.

Além disso, o esporte desempenha um papel crucial na transformação das representações sociais sobre a deficiência. Ao demonstrar as habilidades e potencialidades dos indivíduos com deficiência, o esporte desafia estereótipos negativos e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Esse processo não só valoriza as diferenças individuais, mas também fomenta uma compreensão mais ampla e positiva sobre o papel das pessoas com deficiência na comunidade (Kim; Lee; Oh, 2017).

Ainda segundo Seron *et al.* (2021), as modalidades esportivas voltadas para pessoas com deficiência exibiram seus primeiros registros no final do século XIX. Porém, foi no século XX que esta prática foi impulsionada em vários países, tendo seu desenvolvimento intimamente relacionado ao término das grandes guerras mundiais, especialmente a segunda, em 1945. O que inicialmente era compreendido apenas como opção terapêutica pouco a pouco foi ganhando outras dimensões, tornando-se uma opção para indivíduos com diferentes tipos de deficiência que buscam práticas voltadas ao lazer ou ao alto rendimento (Greguol; Malagodi, 2019).

Posto isso, cabe problematizar de que maneira, na atualidade, os e as atletas com deficiência são representados no cenário esportivo de rendimento. Mais especificamente questionar se existem diferenças nessas representações quando comparados com atletas típicos.

Nesse sentido, Haiachi *et al.* (2016) afirmam que:

O corpo A deficiência antes focada na lesão/limitação abre espaço para a funcionalidade, centrando sua atenção no que o deficiente consegue fazer e nas suas potencialidades. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde ratifica este entendimento sobre a

deficiência, sendo aplicada no esporte e em diversas áreas da sociedade (setores de seguro, previdência social, trabalho, educação, economia, política social, desenvolvimento geral da legislação) como um instrumento apropriado para o desenvolvimento da legislação, nacional e internacional, sobre os Direitos Humanos (Haiachi *et al.*, 2016, p. 3.001).

Portanto, este trabalho destacou a centralidade do corpo na compreensão da deficiência e do esporte inclusivo. Inspirando-se nas perspectivas de autores como Santin (2014) e Daolio (2017), revisamos a ideia de corpo não apenas em termos biofisiológicos, mas como uma construção social carregada de significados culturais. A discussão avançou ao abordar o capacitismo, uma postura que atribui valor a um modelo corporal ideal, desvalorizando a deficiência. Além disso, exploramos a importância do esporte como um direito universal e uma ferramenta de inclusão, ressaltando a relevância das políticas públicas, como o Programa Paradesporto Brasil em Rede, que amplia o acesso e promove o desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência. Constatamos que a prática esportiva transforma percepções sobre a deficiência ao valorizar habilidades e quebrar estereótipos, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Método

A investigação seguiu a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa visa a produzir dados sobre problemas específicos. Nas palavras da autora:

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 22).

Nesse sentido, como nosso problema de investigação se relaciona com preocupações relacionadas à representação de um grupo específico de estudantes, a pesquisa de abordagem qualitativa é adequada para o desenvolvimento do estudo.

A pesquisa foi desenvolvida em uma Instituição de Educação Superior (IES) no município de Uberlândia. A IES eleita para conduzirmos será a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mais especificamente, a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FAEFI/UFU).

Em Uberlândia a FAEFI é um dos quatro campi existentes da UFU. Cabe destacar que a universidade ainda possui campi em outros três municípios mineiros: Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas.

A FAEFI se localiza na Rua Benjamim Constant, nº 1286, no Bairro Aparecida, em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Segundo o site oficial da instituição,

A estrutura física – Praça de Esportes pertencente ao Sr. Napoleão Carneiro, utilizada para o desenvolvimento das atividades inerentes ao Curso de Educação Física foi adquirida pela Autarquia, com auxílio financeiro da Prefeitura Municipal e desde então passou a constituir-se no Centro Esportivo Clarimundo Carneiro. Estas instalações ocupam uma área de aproximadamente 55 mil metros quadrados e foram adaptadas, complementadas e adequadas para o mínimo funcionamento da atual Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI, 2021, p. 1).

No *campus* Educação Física encontram-se seis tipos de graduação: quatro (alguns em extinção curricular) referentes a cursos distintos para formação em Educação Física: 1) Educação Física Bacharelado/Licenciatura, que habilita o formando para atuar tanto na escola quanto em outros espaços do mundo trabalho (curso em extinção); 2) Educação Física grau Licenciatura (em extinção); 3) Educação Física Bacharel (em extinção); 4) Curso de Graduação em Educação física (matriz curricular atual na qual, apenas no final do 4º período o estudante optará pela habilitação que deseja

cursar: Licenciatura ou Bacharelado); 5) Fisioterapia e 6) Pós-Graduação *stricto sensu* (Mestrado) em Fisioterapia (este interinstitucional em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro).

O *campus* possui, ainda, a Escola de Educação Básica (ESEBA) que se configura como uma unidade especial de ensino da UFU que visa a oferta de ensino básico gratuito nos níveis da Educação Infantil e Ensino Fundamental. A ESEBA não possui Ensino Médio.

A pesquisa contou com o apoio de 34 estudantes do curso de Graduação em Educação Física. O universo amostral de composição de participantes foram estudantes da matriz curricular atual, de ambos os gêneros, ingressantes no segundo semestre de 2023. Por meio da aplicação foi possível estimar que a idade média dos participantes é de 24 anos.

Os riscos relacionados à pesquisa são: 1) sentir-se desconfortável em participar do estudo por questões subjetivas; 2) não garantir o anonimato das respostas. Para saná-los, adotamos as seguintes estratégias: 1) O participante pôde a qualquer momento, desistir de sua participação, sem qualquer ônus; 2) o instrumento para a geração dos dados não conteve espaços para identificação do participante.

Os estudantes foram convidados para participarem do estudo mediante uma apresentação da proposta que foi realizada na disciplina de “Aspectos Filosóficos e Éticos da Educação Física”. Após a explicação da proposta receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que pudessem dar ciência e aderirem à investigação. Tal procedimento seguiu a Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que versa sobre processos éticos de pesquisa com seres humanos.

Na sequência, foram exibidas aos e às estudantes, de maneira simultânea, com o auxílio do recurso de *Datashow*, duas imagens que retratavam o corpo de dois atletas que atuam no esporte de alto rendimento, um com e outro sem deficiência. As imagens retratavam os atletas Darlan Romani e André Rocha, ambos do atletismo e que competem na prova do Arremesso do Peso.

As fotos foram selecionadas no dia 01 de setembro de 2023 nos *websites* da *globoesporte*¹ e *olympics*² e algumas informações retiradas no site do comitê paralímpico brasileiro.

A primeira imagem exibida foi a de Darlan Romani, um atleta renomado que é campeão mundial *indoor* e quarto colocado nas Olimpíadas de Tóquio 2020. A segunda imagem mostrou André Rocha, também atleta de alto rendimento no esporte paralímpico. André Rocha é um atleta de

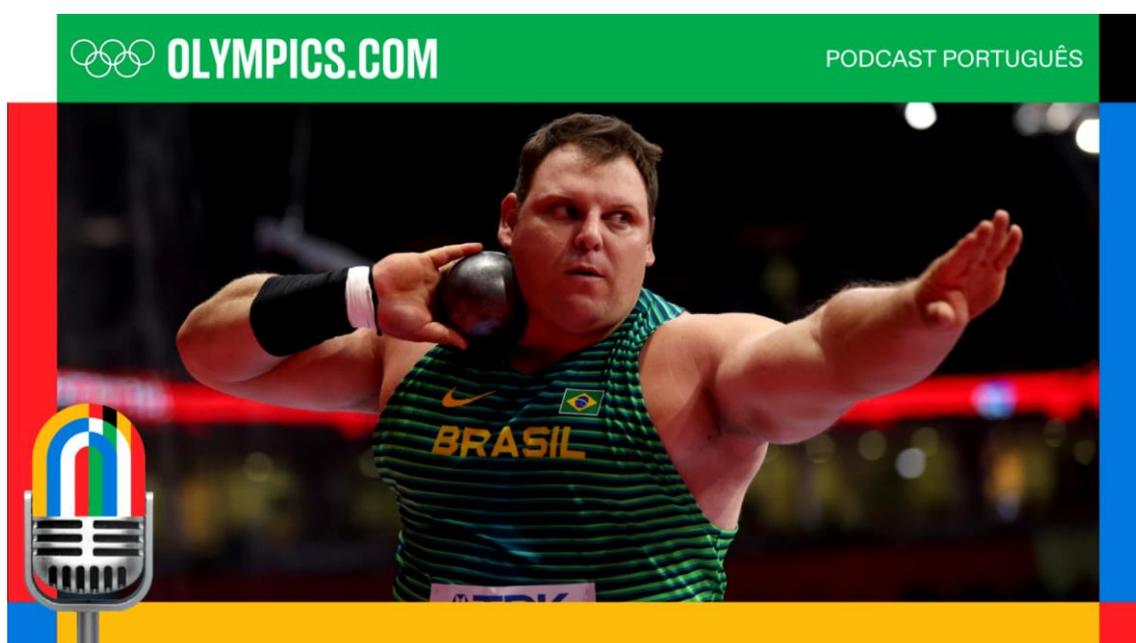
¹ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/andre-rocha-bate-recorde-mundial-de-arremesso-de-peso-no-circuito-brasil-de-atletismo.ghtml>

² Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/podcast-darlan-romani-homem-de-familia-busca-mais-feitos-incriveis>

nome no esporte paralímpicos conquistando várias medalhas durante sua história dentro delas nos Paralímpicos, Jogos Parapan-Americanos, Mundial de Kobe 2024 e etc

Portanto, após observarem as imagens, cada aluno, de posse de uma folha de sulfite, escreveu uma palavra ou expressão que permitisse definir o que pensam a respeito das imagens. Em um dos lados da folha de sulfite foi marcado pelo pesquisador o número 1, que representava a palavra/expressão sobre a primeira imagem (atleta típico); e do outro, o número 2, que representava a palavra/expressão sobre a segunda imagem (atleta com deficiência).

Figura 1: Darlan Romani



Fonte: Olympics, 2023.

Figura 2: André Rocha



Fonte: Globo Esporte, 2019.

Os dados foram analisados com base na técnica da Análise de Discursos de inspiração foucaultiana. Baseados nos escritos de Michel Foucault, Ferreira e Traversini (2013) para analisar um discurso precisamos examinar suas especificidades. O funcionamento dos discursos não está dado de forma natural. Ele não é uma simples “fala”, pois é tudo aquilo que representa suas “raízes” culturais.

Para Foucault, o discurso é:

Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. E esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 2007 apud Ferreira; Traversini, 2013, p. 2.011).

Resultados e Discussão

Como resultados do trabalho de campo, obtivemos 34 respostas para cada imagem apresentada. Para facilitar a compreensão do e da leitora, apresentaremos os resultados por meio de dois quadros, seguidos das discussões possíveis com parte da literatura da área.

O quadro 1 é uma apresentação dos corpos com atletas com deficiência e apresenta a categorização realizada a partir dos termos e expressões coletados com base na apresentação, aos estudantes de educação física, da figura com a imagem do atleta Andre Rocha, atleta paralímpico da prova do arremesso do peso no atletismo. Foram elaboradas 3 categorias: 1) Superação: contemplou termos/expressões que remetem a ideia de “vencer alguma adversidade”; 2) Desempenho: foram incluídos dados referentes a capacidade física, habilidade motora e conquista medalha etc.; 3) Profissionalização: abrangeu respostas que se referiam a fotografia a partir da noção de atleta, profissão, elementos necessários para atingir o objetivo/metras.

No momento das análises optamos por excluir uma resposta obtida, pois ela indicava a expressão “lançamento de disco para classes de deficiência física”. Todavia, a foto retratava a prova de arremesso do peso.

Quadro 1: Representação do atleta com deficiência

Categorias	Termos/Expressões utilizadas pelos/as estudantes
SUPERAÇÃO	Persistência, esforço (3) *, “Vencer obstáculos”, raça, garra (2), superação (2), resiliência, esperança, determinação.
DESEMPENHO	Disciplina (2), Forte, “Resistência e Persistência”, Força e vontade”, “Força e exaustão”, Resistência.

PROFISSIONALIZAÇÃO	Paraolimpíadas, Competitividade, Expectativa, “Atleta paraolímpico ³ após a execução da prova”, “Atleta paraolímpico de arremesso”, “Determinação ter chegado ao objetivo”.
Falta/Ausência	

* Os números indicam as ocorrências dos termos/expressões escritas pelos/as estudantes.

Fonte: pesquisa de campo, 2023.

Na primeira categoria “Superação” termos/expressões como: persistência, esforço(3), “Vencer obstáculos”, raça, garra(2), superação (2), resiliência, esperança e determinação foram escritas.

Na segunda categoria “Desempenho” os termos que apareceram foram: Disciplina(2), Forte, “Resistência e Persistência”, “Força e vontade”, “Força e exaustão”, Resistência foram apresentados.

Por último, na categoria “Profissionalização” termos como: Paraolimpíadas, Competitividade, Expectativa, “Atleta paraolímpico após a execução da prova”, “Atleta paraolímpico de arremesso”, “Determinação ter chegado ao objetivo”, foram evidenciados.

No que se refere à representação do corpo com deficiência a partir de termos e expressões coletados em estudos, que também circundam nas respostas dos participantes, de acordo com Glacomozzi *et al.* (2020, p. 2-3):

Padrões de beleza inalcançáveis contribuem para a discriminação de pessoas com deficiência física devido aos estereótipos que guiam as relações da população com o corpo “diferente”. Assim, a aparência física, representada no corpo como objeto social, se caracteriza como um contexto. As representações sociais do corpo privilegiado para estudo da interação entre aspectos individuais e coletivos, uma vez que emerge como mediador do lugar social e das relações sociais estabelecidas pelas pessoas a literatura destaca que esses corpos tendem a ser descritos com ênfase em

³ A grafia respeitou a escrita do/a participante.

narrativas de “superação” e “resiliência”, muitas vezes exaltando a capacidade de adaptação e o esforço em enfrentar limitações (Glacomozzi *et al.*, 2020, p. 2-3).

Dessa maneira, parecem representar o corpo com deficiência não a partir de atributos como habilidade ou potência, comuns na representação de corpos típicos. Observa-se um destaque para valores que reforçam a excepcionalidade da trajetória de vida, projetando esses corpos sob uma ótica de inspiração e excepcionalidade, ao invés de normalização.

A representação do corpo com deficiência, conforme destacado por Glacomozzi *et al.* (2020), é amplamente influenciada por padrões sociais que enfatizam características físicas idealizadas e, frequentemente, inatingíveis. Esses padrões contribuem para a discriminação de pessoas com deficiência ao criarem estereótipos que determinam a forma como a sociedade percebe e interage com corpos que fogem ao padrão típico. A aparência física, assim, torna-se um aspecto central de estudo ao representar a interface entre as dimensões individuais e coletivas, mediando o lugar social de cada pessoa e moldando as relações estabelecidas com e pelo “corpo diferente”.

As representações sociais desses corpos, segundo a Mazo *et al.* (2021), se dão comumente da seguinte forma:

As representações sociais se referem a formas de conhecimentos de senso comum que representam um conjunto de ideias originadas a partir da vida cotidiana, mediante relações sociais que são estabelecidas entre grupos sociais ou pessoas de um mesmo grupo (Jodelet, 2002). O conhecimento se organiza em conhecimento institucional e em senso comum, sendo que o senso comum é responsável por nortear as práticas sociais. Desta forma, as representações sociais influenciam a forma como percebemos o mundo social em que estamos inseridos, levando-nos a agir de certa maneira (Mazo *et al.*, 2021 p. 149).

Nesse contexto, Mazo *et al.* (2021) ressaltam que as representações sociais são formas de conhecimento de senso comum, originadas nas interações cotidianas e nas relações entre indivíduos e grupos sociais. Esse conhecimento é organizado em conhecimento institucional e em senso comum, sendo o último fundamental para guiar as práticas e percepções na sociedade. Assim, as representações sociais influenciam a maneira como percebemos o mundo e as pessoas ao nosso redor, impactando diretamente as ações e atitudes que adotamos.

A mídia, por exemplo, molda as representações sobre o corpo tanto no que se refere a aspectos estéticos como capacitistas e tem o poder de fortalecer ou desafiar as representações sociais construídas. Se por um lado a reprodução de estereótipos pode restringir a compreensão sobre esse grupo, por outro, a veiculação de conteúdos inclusivos e respeitosos pode contribuir para um olhar mais diverso e inclusivo.

Hilgemberg (2014) argumenta como os meios de comunicação na sociedade possuem um papel fundamental na formação de atitudes e conhecimentos sobre as pessoas com deficiência. Ao

serem responsáveis pela produção, reprodução e disseminação de informações, a mídia influencia diretamente como a sociedade enxerga e compreende esses grupos.

Dessa forma, o impacto da mídia vai além de simples transmissões informativas: ela molda percepções e constroi representações que podem tanto reforçar estereótipos quanto promover a inclusão e o respeito. De acordo com Hilgemberg (2014, p. 50):

A mídia tende a descrever as performances dos atletas com deficiência de forma relativamente consistente com o modelo médico. Sendo assim, estes atletas tendem a ser retratados ou como “vítimas” (coitados) ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar de um evento esportivo, um super-herói.

Diante disso, percebe-se o quanto as representações sociais afetam nossa percepção sobre a sociedade e as pessoas, especialmente em relação aos corpos que se afastam de um padrão típico. A mídia, ao alcançar grande parte da população, exerce uma influência significativa sobre as representações acerca dos corpos com deficiência. Como apontado por Hilgemberg (2014), às representações identificadas nesta pesquisa mostram que corpos com deficiência são frequentemente retratados como exemplos de superação, mas não como atletas de alta performance.

Os resultados da pesquisa refletem essa percepção, uma vez que a análise dos termos e expressões utilizados nos dados coletados revela que estudantes ingressantes do primeiro período universitário apresentam uma visão semelhante àquela promovida pela mídia. Assim, essas representações de corpos com deficiência se alinham com os achados de Hilgemberg (2014), ressaltando que o impacto da mídia vai além da simples transmissão de informações, influenciando a maneira como construímos percepções e criando representações que podem tanto perpetuar estereótipos quanto promover inclusão e respeito.

Quadro 2: Representação do Atleta Típico

Categorias	Termos/Expressões
DESEMPENHO	Forte, força (2), técnica (2) e “Corpo Adaptado ao alto rendimento”

PROFISSIONALIZAÇÃO	Constância, Foco (5), “Mirando com atenção”, “busca do objetivo”, concentração (4), concentração e foco, responsabilidade, “Atleta olímpico concentrado para execução da prova”, “ esporte praticado mundialmente”, “Atleta olímpico de arremesso”, atenção, foco, disciplina, “Darlan arremessando no mundial”.
---------------------------	--

* Os números indicam as ocorrências dos termos/expressões escritas pelos/as estudantes.

Fonte: pesquisa de campo, 2023.

Na segunda categoria, Desempenho, termos e expressões como: Forte, força (2), técnica (2) e “Corpo Adaptado ao alto rendimento” foram escritas.

Já na categoria “Profissionalização”, ocorrências como: Constância, Foco (5), “Mirando com atenção”, “busca do objetivo”, concentração (4), “concentração e foco”, responsabilidade, “atleta olímpico concentrado para execução da prova”, “esporte praticado mundialmente”, “Atleta olímpico de arremesso”, atenção, foco disciplina, “Darlan arremessando no mundial”, foram aparentes.

No que se refere a representar o corpo do atleta típico a partir dos termos/expressões coletadas por meio da investigação, a literatura da área aponta que corpos que não apresentam deficiência tendem a ser representados por meio de adjetivações que visam a “normalizar” esses corpos. Ou seja, questões referentes a potência, habilidade e foco nos objetivos foram aparentes em detrimento de valores que remetem a ideia de superação.

Epiphanyo *et al.* (2017), em trabalho desenvolvido junto a atletas com e sem deficiência, revelam que a ideia de superação parece vinculada, especificamente, à deficiência. Em seu estudo o termo não aparece quando da problematização sobre os sentidos dados ao esporte pelos seus correlatos sem deficiência.

O estudo também permite inferir que atletas com deficiência são representados como corpos em superação, ou seja, seriam os atletas típicos modelos de desempenho? (Epiphanyo *et al.*, 2017). Nessa lógica, não estariam sendo estabelecidas dicotomias que tendem a valorizar um dos pólos em relação ao outro? (Silva, 2014).

Outra importante discussão presente na literatura sobre representações de atletas com e sem deficiência nos remete a visibilidade ofertada pela mídia para esses corpos. Segundo Cardozo (2015, p. 31 grifos nossos) as paraolimpíadas são “o único momento em que o esporte adaptado compete de igual para igual em visibilidade com o esporte para pessoas sem deficiência, e isso acontece apenas de quatro em quatro anos”. Seria a falta de visibilidade ocasionada pela representação de que “o verdadeiro esporte”, os dos atletas típicos, é o modelo referência que deve ganhar visibilidade em detrimento de algo “adaptado”?

A citação de Cardozo (2015) sublinha que as Paraolimpíadas constituem um dos poucos momentos em que o esporte adaptado atinge níveis comparáveis de exposição ao esporte convencional, o que ocorre somente a cada quatro anos. Essa observação sugere uma crítica à cobertura limitada dos esportes adaptados, que muitas vezes permanecem à margem da atenção midiática e da sociedade em geral. A centralização da visibilidade no esporte praticado por pessoas sem deficiência pode influenciar a percepção pública sobre o valor do esporte adaptado, reduzindo-o a um papel secundário e restrito a eventos esporádicos.

Esse enquadramento leva a uma hierarquização entre as modalidades, nas quais o esporte convencional é privilegiado em detrimento do adaptado. Portanto, fica o questionamento: essa baixa visibilidade dos atletas com deficiência estaria relacionada à visão de que o esporte praticado por pessoas sem deficiência representa o “verdadeiro esporte”, enquanto o adaptado é visto como uma modalidade à parte?

A consequência desse desequilíbrio é a perpetuação de estereótipos que marginalizam o esporte adaptado e seus atletas, comprometendo sua valorização e dificultando a construção de um imaginário social inclusivo e igualitário. Assim, a mídia desempenha um papel central não apenas na disseminação de estigmas, mas também na possível transformação das representações, oferecendo ou negando visibilidade igualitária aos diferentes tipos de atletas.

As representações dos alunos sobre atletas típicos estão intimamente ligadas aos valores e estereótipos difundidos pela mídia, que tende a valorizar atributos como força, técnica, constância, foco e disciplina. Essas características associadas aos atletas sem deficiência refletem uma visão de “normalização” e excelência física, sugerindo que o corpo típico é o modelo ideal de desempenho esportivo. Em contraste, a ideia de superação é vinculada predominantemente aos atletas com deficiência, como discutido por Epiphany *et al.* (2017), que mostram que essa representação não aparece em relação aos atletas típicos. Esse tipo de representação indica uma dicotomia onde o atleta sem deficiência é visto como um exemplo de alto desempenho, enquanto o atleta com deficiência é percebido através de uma lente de superação e esforço extraordinário.

Assim, as representações dos alunos de Educação Física reforçam essa hierarquia e sugerem que o corpo do atleta típico é associado a características de força e desempenho, enquanto o corpo com deficiência é compreendido principalmente sob a ótica de superação. A centralização da visibilidade dos atletas típicos pela mídia, enquanto limita a dos atletas com deficiência, perpetua estereótipos e dificulta a construção de um imaginário social inclusivo. A mídia, ao reproduzir esses padrões, não apenas dissemina estigmas, mas também define o espaço que cada tipo de atleta ocupa na percepção pública, impactando diretamente a valorização e o reconhecimento igualitário dos atletas com deficiência.

Considerações finais

Diante de nosso objetivo de compreender as representações que estudantes ingressantes de Educação Física constroem sobre o corpo de atletas com e sem deficiência no contexto do esporte de alto rendimento, os resultados das análises demonstraram que os eles/elas frequentemente associam o corpo do atleta com deficiência à ideia de "superação", enquanto veem o corpo do atleta típico em termos de desempenho e excelência técnica.

Essas representações refletem estereótipos profundamente enraizados que podem impactar a forma como futuros profissionais da área compreendem a diversidade e a inclusão. Dessa forma, enfatiza-se a importância de uma formação que permita aos educadores físicos reconhecerem a complexidade e a potencialidade dos diferentes corpos, promovendo um olhar sensível e inclusivo.

Para a condução deste estudo, utilizou-se uma abordagem qualitativa e uma metodologia de análise de discurso de inspiração foucaultiana, o que possibilitou uma exploração detalhada dos significados atribuídos aos corpos dos atletas. Realizada na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, a pesquisa envolveu estudantes ingressantes de 2023, que, ao observarem imagens dos atletas Darlan Romani e André Rocha, descreveram suas impressões em palavras e expressões. Essa estratégia permitiu captar as representações dos alunos sobre as diferenças corporais, contribuindo para uma análise que reflete a importância de uma prática pedagógica que valorize a diversidade corporal e desmistifique concepções estereotipadas.

Os resultados da pesquisa demonstraram que as representações dos alunos sobre o corpo de atletas com deficiência está fortemente influenciada pela narrativa de "superação", frequentemente destacada pela mídia. A literatura da área aponta que esse tipo de representação, amplamente difundida, desconsidera a competência técnica e o desempenho desses atletas, limitando sua imagem à superação de adversidades. Tal percepção também aponta para uma visibilidade desigual entre esportes adaptados e convencionais, sendo o primeiro limitado a momentos esporádicos de cobertura, como as Paraolimpíadas. Acredita-se, portanto, que, ao reproduzir essas representações, a mídia influencia a percepção pública e educacional, dificultando uma valorização igualitária dos atletas.

Este estudo, ao destacar a necessidade de uma formação que promova a valorização das competências atléticas dos atletas com deficiência, contribui para a construção de uma Educação Física mais inclusiva e comprometida com a diversidade.

Com base no estudo e nos termos/expressões apresentados, é possível compreender que os estudantes de Educação Física tendem a ver os atletas com deficiência principalmente como símbolos

de superação, focando nos desafios que esses indivíduos enfrentam e superam. Essa perspectiva destaca o enfrentamento de obstáculos como uma característica distintiva, em contraste com a visão tradicional de um atleta, que é normalmente associado a atributos como força e competitividade. Isso sugere que os estudantes ainda mantêm uma percepção diferenciada em relação aos atletas com deficiência, o que pode indicar uma necessidade de maior conscientização para que esses atletas sejam vistos além da perspectiva de superação, como atletas completos com habilidades e determinação semelhantes aos demais.

Uma das maiores dificuldades encontradas no estudo sobre as representações dos estudantes de Educação Física em relação aos atletas é a escassez de artigos e literaturas que tratam exclusivamente de atletas sem deficiência, pois, ao abordar esse tema, a maioria dos estudos acaba recorrendo a comparações com atletas com deficiência. Ao buscar informações sobre atletas com deficiência, a literatura, por sua vez, tende a focar nos desafios e na ideia de superação, em vez de abordá-los como competidores completos e focados em desempenho, como ocorre com atletas sem deficiência. Essa limitação nas fontes reforça um viés estrutural que contribui para a visão dos atletas com deficiência a partir da ótica da dificuldade, o que, por sua vez, molda a percepção dos estudantes e futuros profissionais de Educação Física, restringindo uma compreensão mais igualitária e completa dos atletas, independentemente de suas condições físicas.

Portanto este estudo contribui para transformar a percepção dos estudantes sobre os corpos com e sem deficiência, promovendo uma abordagem mais igualitária e não capacitista. Ele incentiva futuros profissionais a enxergarem atletas com deficiência não apenas pela perspectiva da superação, mas como atletas completos, focados em desempenho e habilidades, assim como os atletas sem deficiência. Esse tipo de reflexão permite que, desde os ensinamentos iniciais até o médio, a Educação Física seja ministrada com uma visão que valorize todos os corpos de forma justa, o que é essencial para fomentar um ambiente esportivo inclusivo e respeitoso.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 8 nov. 2024.
- BRASIL. **Portaria MESP nº 38, de 19 de março de 2024**. Institui e regulamenta o Programa Paradesporto Brasil em Rede no âmbito da Secretaria Nacional de Paradesporto. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/programa-paradesporto-brasil-em-rede/Portarian38de19demarode2024PPBR.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- CARVALHO, A. N. L.; SILVA, J. P. Representações sociais de universitários com deficiência física sobre a sexualidade das pessoas com deficiência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 709-728, 2020. DOI 10.12957/epp.2020.54343. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000300002. Acesso em: 7 nov. 2024.
- EPIPHANIO, E. H. *et al.* O sentido do esporte para atletas com e sem deficiência: uma compreensão fenomenológica. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 77- 91, 2017. DOI 10.31501/rbpe.v7i1.7819. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbpe/article/view/7819>. Acesso em: 8 out. 2024.
- FAEFI. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. Universidade Federal de Uberlândia. **Graduação**. Disponível em: <http://www.faeфи.ufu.br/graduacao>. Acesso em: 23 out. 2023.
- FERREIRA, F. M.; DAOLIO, J.; ALMEIDA, D. F. Da cultura do corpo das crianças: diferenças e significados produzidos nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, 2017. DOI 10.22456/1982-8918.72415. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br//index.php/Movimento/article/view/72415>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- FERREIRA, M. S.; TRAVERSINI, C. S. A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/17016>. Acesso em: 20 out. 2024.
- HAIACHI, M. C. *et al.* Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, 2016. DOI 10.1590/1413-812320152110.18512016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/H83prcw7mvPJjGMMgYjMRwf/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- HILGEMBERG, T. Do coitadinho ao super-herói: representação social dos atletas para-límpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 30, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36954>. Acesso em: 31 out. 2024.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, C.; DAMASCENO, M. C.; OLIVEIRA, G. C. M. Práticas integrativas e complementares: uma interface com o Sistema Único de Saúde e a promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 927-936, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/H83prcw7mvPJjGMMgYjMRwf/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2024.

SANTIN, S. O espaço da ética na educação física. **Kinesis**, Santa Maria, v. 32, n. 1, p. 126-156, 2014. DOI 10.5902/2316546415573. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15573>. Acesso em: 15 out. 2024.

SCHMITT, B. D.; MAZO, J. Z. Social representations of athletes with disabilities about paralympic sport in Brazil. **Motricidade**, Vila Real, v. 17, n. 2, 2021. DOI 10.6063/motricidade.20770. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/20770>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SERON, B. B. *et al.* O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista – dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27048, 2021. DOI 10.22456/1982-8918.113969. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/113969>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.